

As possibilidades analíticas da sociologia weberiana do esporte: analogias, abstrações e afinidades¹

Caio Cesar Pedron²

Resumo: Não são as multiplicidades de interpretações e nem a diversidade de utilidades contemporâneas do caudaloso manancial teórico-analítico de Max Weber (1864-1920) que despertam maior curiosidade daqueles que se dedicam ao escrutínio acadêmico desta fortuna crítica. São, sobretudo, as ausências em alguns debates, campos do conhecimento e eixos disciplinares o que mais assombra os weberianos de plantão. Esta é a principal motivação do seguinte trabalho, pois objetiva-se aqui apontar algumas contribuições da teoria social clássica para com o campo de estudos do esporte, em especial, para os estudos sociológicos do futebol. Diante deste desafio, proponho uma releitura comparativa das obras de Ronaldo George Helal (1990) e Allen Guttman (1978) sobre a sociologia do esporte, com especial ênfase para a dimensão weberiana dos seus escritos, pois através de suas problematizações será possível estabelecer um horizonte comum compartilhado de possibilidades para o uso das problemáticas weberianas aportadas no fenômeno esportivo.

Palavras-chave: Secularização, Racionalização e Conduta de Vida.

1. Prólogo

“Há weberianos, mas não há weberianistas” disse Vamireh Chacon lá pelos idos da década de 80 em um desconhecido livro sobre a vida e a obra de Max Weber³. De lá para cá muita tinta foi gasta para compreender, reinterpretar e participar do programa de pesquisas weberiano (SCHLUCHTER, 2008), seja como um ortodoxo representante das fileiras do *Weber Studies* teuto-anglófono; seja para valorizar uma perspectiva singular e/ou arbitrária de interpretação possível, se bem que sectária, da obra do grande

¹ Trabalho apresentado no GT - Formas de Jogar, 4º Simpósio Internacional de Estudos do Futebol

² Mestre em Sociologia pela Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP). Doutorando em Teoria e Pensamento Sociológico pela UNICAMP.
e-mail: caiopedron99@gmail.com

³ É o primeiro texto de um comentarista brasileiro que trata à fundo da emergência dos novos movimentos sociais – dentre eles os de cunho erótico – e a participação de Weber neste mundo da vida em verdadeira ebulição que era a Alemanha antes da Grande Guerra Mundial.

historiador universal (JASPERS, 2009). O que parecia completamente absurdo aos olhos de Chacon há *trinta e quatro* anos atrás, hoje causa pouca ou nenhuma estranheza, pois se é bem verdade que não existe uma doutrina “weberianista” tal qual o “dogmatismo marxista”⁴, ainda assim existe uma crescente weberologia que arvora-se nas riquezas de descobertas produzidas pelo MWG (*Max Weber Gesamtausgabe*) para fundar um certo consenso paradigmático – o “consenso de Heidelberg” – ao entorno da interpretação *correta* da obra do alemão.

Não quero com isso desvalorizar o empreendimento⁵, muito pelo contrário, pois creio que um estudo mais aprofundando das origens da obra de Max Weber favoreça todos aqueles que queiram absorver suas estratégias analíticas, compreensões teóricas e elaborações metodológicas para o uso corrente⁶. Quero apenas pontuar que o que será feito aqui é heterodoxo para com a obra de Max Weber, pois o autor falou muito pouco ou quase nada sobre o esporte e, neste sentido, é muito diferente de autores como Pierre Bourdieu (1930-2002), Norbert Elias (1897-1990), Eric Dunning (1936-2019) e até mesmo o historiador Eric Hobsbawm (1917-2012), que dedicaram parcela relevante de suas obras ao tema do desporto praticado pelas coletividades humanas.

Destarte, o que será feito aqui é apenas uma tentativa de composição de temas, perspectivas e analogias possíveis entre a sociologia de Max Weber e o futebol. O que

⁴ Sem qualquer tipo de “inquisitorialidade” supostamente neutra ou antimarxista. Trato aqui apenas das vulgarizações semi-escatológicas da obra de Karl Marx (1818-1883), em especial, daqueles trabalhos que transformam a cultura em uma espécie de reflexo, sombra e miragem das tais relações de produção que determinariam tudo e todos. À pretexto de escutarem o canto do galo gaulês, se esquecem que a religião e outras tantas representações sociais possuem seu primado objetivo, este que é necessário a qualquer investigação realmente honesta dos fenômenos sociológicos.

⁵ É sempre necessário apontar quando esse zelo pela palavra se torna uma espécie de doutrinação do campo, uma luta *quase* fundamentalista pela outorga de um título de superioridade hermenêutica adquirido pela correta interpretação das palavras contidas no livro “sagrado”. Esse literalismo do olhar – que nega ao outro a possibilidade de interpretar diferentemente – está presente, por exemplo, no triste caso da crítica de Jessé Souza (1998) aos grandes nomes do pensamento social brasileiro, pois o que começou com uma interessante crítica da suposta ideologia do atraso brasileiro, calcada em uma interpretação limitada do pensamento weberiano, terminou com uma acusação desmedida de que haveria um suposto racismo científico em quase todos os grandes nomes da tradição do pensamento social nacional (SOUZA, 2015).

⁶ Para não ser acusado de pretenso farisaísmo, sou um dos ávidos leitores de tudo que Wolfgang Schluchter produziu e continua a produzir nesta seara de investigações frutíferas da vida e obra de Max Weber. Portanto, um grande devedor da quase que universal vontade de saber weberiana presente nos cuidadosos e engenhosos trabalhos do exegeta brasileiro, Carlos Eduardo Sell (2013) e, também, da bela prosa ensaístico-histórica de Sérgio da Mata (2020). Por fim, tenho que fazer à devida vênua aquele que é, para mim, o maior de todos os weberólogos nascidos por estas terras e que nos deixou tão cedo desamparados sem a divertida acidez típica de seu estilo de jogar o nobre “esporte de combate” sociológico, falo aqui de Antônio Flávio de Oliveira Pierucci (1944-2012).

me motivou a escrever este trabalho foi a interessante contribuição aventada por Narayana Astra van Amstel e Wanderley Marchi Júnior (2021) que versava exatamente sobre as condições e possibilidades do aparelho conceitual weberiano quando aplicado aos problemas do campo da sociologia do esporte.

Portanto, feitas as ressalvas necessárias ao leitor desavisado, cumpre destacar que o objetivo central desta empreitada é o desenvolvimento de uma reflexão sobre as possibilidades de adequação e os “modos de uso” de alguns conceitos, teorias e ideias propostos na sociologia weberiana para se observar interpretativamente o desporto moderno, especificadamente, quero destacar duas diferentes interpretações do esporte que podem ser compreendidas como boas utilizações do aparato heurístico de Max Weber aplicado aos esportes, são elas: a *sociologia do esporte moderno* de Allen Guttmann (1978) e o modelo de *sociologia do esporte* proposto por Ronaldo Helal (1990) em sua pioneira contribuição em terras brasileiras para sistematização e introdução de um novo tema ao escrutínio sociológico.

Para tal empreitada faremos o seguinte itinerário: primeiro apresentaremos uma discussão sobre estas distintas formas de reapropriação, tradução e hibridização das contribuições sociológicas weberianas para um tema muito diferente do qual habitualmente este conjunto é usado, comparando sistematicamente os dois modelos com o intuito de avaliar discrepâncias, similaridades e qualidades de cada um dos complexos teóricos e, também, salientando a paradoxal composição de razão e emoção, sacralização e secularização, tradicionalização e modernização presente no diagnóstico weberiano dos esportes. Em um segundo momento, apresentaremos uma possibilidade de uso para este aparato conceitual: a percepção de como a teoria weberiana da **colisão dos valores** pode fortalecer o diagnóstico auferido pelos dois interpretes da sociologia do esporte. Na conclusão, faremos o balancete deste empreendimento e, também, apontaremos alguns objetos – ou sujeitos – de interesse cognitivo futuro.

2. Da Contemporânea Serventia em Acessar Diferentes Sentidos

O processo de recepção⁷ da obra de Max Weber nos estudos sociológicos do esporte passa quase que necessariamente pelo tema da racionalização, com destaque para: a dimensão das ações sociais, da racionalidade, da burocratização e da calculabilidade, todos termos “aclimatados” as discussões que procuraram mensurar aquilo que é específico do esporte moderno. Nesse sentido, os dois autores selecionados para contraposição neste capítulo convergem na compreensão de que o esporte moderno tem como uma de suas principais características o uso extensivo de um racionalidade fins/meios em contraposição a outros modelos de raciocínio (afetivo, tradicional, valorativo); também convergem quando o assunto é a distinção entre esporte moderno e antigo (primitivo, original, tradicional) fundamentada em um processo de secularização, desmagificação e *desdivinação* das ações dos homens no mundo.

A tabela abaixo reproduzida é resultado de um esforço de síntese para concatenar as principais contribuições de três grandes vertentes da teoria social⁸ e suas possibilidades de uso na sociologia dos esportes. Importa-nos aqui a “apresentação” das grandes tendências de aplicação destas herdades intelectuais para pensar os fenômenos esportivos, pois elas servem como pontos cardeais através dos quais os debates são orientados, permitindo que os nossos autores possam se situar nas correntes e contracorrentes deste fluxo de ideias que conformam os diferentes estilos⁹ de pensamento de um determinado período histórico.

⁷ Recepção não no sentido de acolhimento nacional de uma obra, mas de absorção e readequação de um enquadramento teórico em um campo ou subcampo de conhecimento distinto do seu de origem. O sentido da palavra é interessante porque permite pensarmos-nos enquanto *tradutores e traidores* de uma obra quando disseminada em outras circunscrições lógico-científicas.

⁸ Freud não poderia ser chamado de pai da sociologia, mais sua interpretação da psique humana foi usada à exaustão por boa parte do cânone sociológico posterior a primeira geração. Talcott Parsons (1902-1979), Norbert Elias (1897-1990) e toda a primeira geração da Escola de Frankfurt foi muito influenciada pelas concepções psicanalíticas do doutor austríaco. O próprio Max Weber tomou contato com o freudismo através de suas relações com os jovens de Heidelberg e com um dos pupilos de Freud, Otto Gross (1877-1920), cuja contenda com este lhe proporcionou o adequado estímulo para a leitura de alguns textos do pai da psicanálise. Podemos aventar algumas possíveis reverberações da obra freudiana no texto de Weber, por exemplo, a sublimação na tipologia da ação social, especialmente na passagem da ação puramente afetiva para a ação com sentido social, poderíamos compreender como uma possível – não necessariamente direta – referência a Freud.

⁹ Karl Mannheim sempre ajuda o sociólogo dos intelectuais a mapear os diferentes estilos de pensamento, contrapondo-os a cristalização geracional da qual eles fazem parte. Neste sentido, estes estilos de pensamento importados de outros eixos temáticos da teoria social servem aos teóricos do esporte como base através da qual estes construiriam um novo campo de conhecimento autônomo, com seus estilos de pensamento singulares e suas problemáticas originárias.

4 ● Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol

	Marx	Freud/Marcuse	Weber
<i>Play</i>	Valor de Uso	Instintos/princípio de prazer	Ação Social “Irracional” (afetiva/tradicional)
<i>Games</i>	Valor de Troca	Repressão/ princípio de realidade	Racionalidade Substantiva
<i>Sports</i>	Mais Valia	“mais repressão” /performance	Racionalidade Formal/ Eficiência

Fonte: Retirado e adaptado de (INGHAN, 1994, p.23).

O pensamento weberiano funciona não tanto como contraponto ou antagonista de Marx, pois Alan G. Inghan (1994) prefere salientar as correspondências entre o diagnóstico de cada um destes intérpretes do mundo moderno, apontando, no específico caso de Weber, para a dimensão da ação social, para os diferentes denominadores: irracional (afetivo, tradicional), racional com relação à valores (substantivo ou material) e racional com relação a fins (formal/ ou meio fins). Desta feita, a sociologia weberiana ajudaria a explicar a transição dos jogos lúdicos ¹⁰para aqueles que possuíam regras necessárias a convivência e disputa – os games – e, por fim, os esportes, que assumiriam a eficiência máxima na relação meio e fins e a eficácia no alcance do resultado pretendido. A alienação marxista se combinaria com a repressão freudiana e com a perda de sentido (*sinverlust*) weberiana, para constituir esse verdadeiro sujeito – histórico – do desempenho¹¹ que é o atleta moderno em suas condições de existência fraturadas.

Allen Guttman (1978) faz exatamente o oposto daquilo que foi preconizado pelo autor acima abordado, procurando salientar exatamente os pontos de conflito e discrepância que uma interpretação weberiana da emergência do esporte moderno ensinaria quando comparada as críticas marxista e neomarxista. Ao preferir construir uma tipologia comparativa dos esportes – moderno, medieval, antigo e primitivo – com

¹⁰ Quase que correntemente citada, a ausência no português e em outras línguas de um denominador comum para o termo *play* no sentido de jogo – não de brincadeira – incide em algumas confusões nominativas (HELAL, 1990, p.18). No caso acima usei o termo lúdico para qualificar o jogo em contraposição ao game, que seria mais pautado em regras e menos na liberdade de ação dos “players”.

¹¹ O sujeito do desempenho, como pensado por Cristian Laval e Pierre Dardot (2016), dialoga muito bem com essa leitura da obsessão que atletas profissionais tem pela performance do próprio corpo, tratado como ferramenta e objeto de trabalho, mais que como parte integrante do Self. A assustadora rotina de treinos e alimentação de Cristiano Ronaldo é um ótimo exemplo do tipo de personalidade emulada idealmente para o trabalho contemporâneo.

um conjunto de atributos alinhados a concepção weberiana de modernidade: secular; igualitário; especializado; burocratizado; quantificado e “recordizado”, quis o autor apontar para a utilidade do modelo weberiano na explicação de mais um fenômeno dito secular e, além disso, apontar para a diferença crucial que lhe parecia significativa entre o diagnóstico dos seus contentores¹² e o seu próprio. Contra uma suposta perda de liberdade, o autor afirma que os jogos contestatórios e coletivos – com seus regramentos, especializações e profissionalização – permitiriam que novas formas de experimentar a liberdade fossem construídas a partir desta racionalidade que está presente em todos os esportes modernos.

Talvez este seja o ponto de maior conflito entre a interpretação de Allen Guttmann e Ronaldo Helal, pois o nosso representante desta “academia” de estudos weberianos do esporte compreende que a perda da aura (HELAL, 1990, p.44), proporcionada pela mercantilização e (re)secularização do esporte moderno, pode desestruturar os laços de pertencimento e enfraquecer a “experiência” extracotidiana que o futebol, por exemplo, proporciona para os seus jogadores e torcedores. Haveria, portanto, uma dimensão do desaprendido, um cálculo qualitativo de perdas e danos causados por esse processo contínuo de racionalização dos esportes tipicamente modernos; uma interpretação que, diga-se de passagem, é mais próxima daquilo que o estadunidense chamou de neomarxismo do que do seu “parsonizado weberianismo”¹³.

Esta introdução inicial ao horizonte comum compartilhado de posicionamentos dentro deste campo disciplinar nos permite entender *contra quem e em defesa do que* estes autores estavam posicionando suas contribuições, pois a configuração deste eixo

¹² O livro de Allen Guttmann (1978) pode ser considerado como uma sonora crítica as interpretações marxistas e neomarxistas – sobretudo Escola de Frankfurt – do desenvolvimento histórico processual do esporte. Para tal intento, o autor utiliza construções tipológicas e ideias e, também, a teoria da racionalização do mundo como projetada por Weber e reinterpretada pelos teóricos da modernização. No capítulo *Capitalism, Protestantism and Modern Sport*, o autor marca a sua posição contrária as interpretações marxistas do desenvolvimento da “afinidade eletiva” entre esporte e capitalismo, apresentando uma tese muito mais weberiana em sua forma; se bem que diferente no conteúdo, pois nela o autor afirma ser a ciência e não a industrialização (ou a ética protestante) o principal catalisador de desenvolvimento do esporte moderno.

¹³ Em alguns pontos o esquematismo do autor se relaciona mais com uma interpretação parsoniana de Weber do que propriamente uma visão calcada no paradigma weberiano; entretanto, é necessário salientar que não havia ainda se consolidado uma interpretação weberiana axial como aquela que veio a se entronizar entre o final dos anos 80 e, principalmente os 90, através da divulgação dos resultados alcançados na sistematização das obras de Max Weber proporcionada pela organização das obras completas (MWG) e por todo o núcleo de estudos internacionais desenvolvidos a partir dali.

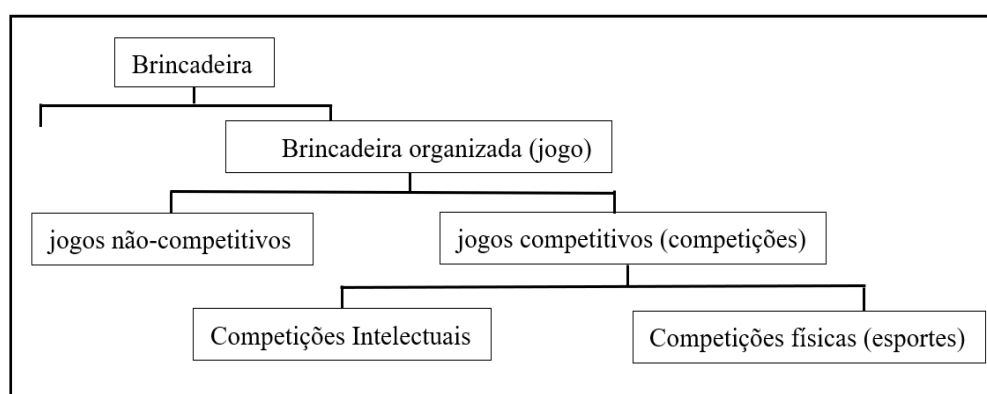
temático de estudos do esporte no Brasil e nos Estados Unidos possuem timbres e temporalidades diferentes e, por sua vez, demandam posições, relações e respostas distintas para cada uma das problemáticas propostas em suas localidades¹⁴.

Nas próximas páginas pretendo explorar a definição de esporte moderno de cada um dos autores, salientando seus respectivos modelos teóricos do processo de racionalização/secularização dos esportes e apontando para potencialidades subscritas em suas interpretações que desenvolveremos nos capítulos seguintes.

2.2 Do Ritual ao Recorde: a sociologia do Esporte de Allen Guttman

Antes de discutirmos propriamente as semelhanças e dissensões de cada um dos modelos de interpretação do esporte moderno se faz necessária uma observação mais detalhada do esforço comum compartilhado na construção de uma definição de esporte possível e viável para o estudo sociológico do tema. Ambos os autores partem da contraposição tripartite entre brincadeira (play), jogo (game) e esporte (sport), sendo brincadeira a solução encontrada por Helal (1990, p.18-19) para o espinhoso problema da tradução do verbo to play para o português, tendo em vista que não possuímos uma palavra diferente para o verbo jogar (play) e o substantivo jogo (game) – entretanto, em uma tradução mais atual dos conceitos poderíamos usar a palavra game que já está bastante adaptada ao uso corrente e o verbo jogar no lugar da brincadeira.

¹⁴ Há uma dimensão macroestrutural dos debates e usos de Weber como o “adversário preferencial” de Marx no campo sociológico tanto da Alemanha cindida no pós-segunda guerra quanto no resto do mundo. Além disso, me parece que já havia uma disciplina de sociologia do esporte institucionalizada nos EUA e, portanto, haveria uma tendência maior a luta por posições de prestígio e referencialidade que explicariam algumas das ácidas críticas que Guttman faz aos marxistas e neomarxistas. No Brasil dos anos 90 o marxismo ortodoxo que caberia bem na contraposição de Guttman já estava fora de moda e o ambiente da redemocratização permitia pensar num amplo espectro de referências teórico/conceituais interessantes para formar um campo de estudos sociológicos do futebol ainda nascente, por isso talvez Helal (1990) não tenha lidado com os mesmos problemas do americano.



Fonte: Retirado e Adaptado de (HELAL, 1990, p.30).

Com apenas algumas diferenças daquele esquema originalmente elaborado por Allen Guttmann (1978, p.9), este que reproduzimos da obra de Ronaldo Helal (1990) consegue abarcar muito bem a lógica triádica proposta pela sociologia do esporte que estabelece três níveis básicos de complexidade que poderiam ser deslindados em categorias mais específicas conforme o interesse do intérprete. A brincadeira é livre de constrangimentos, coerções, regras e normas típicas de toda atividade em grupo; o *game*, jogo ou brincadeira organizada possui regras, mas pode ser ou não ser competitivo; por sua vez, os jogos competitivos possuiriam duas – ou três?¹⁵ – dimensões, compreendendo as competições intelectuais e as físicas, da primeira os exemplos mais bem acabados são o xadrez, gamão ou carteados e das segundas todos os esportes físicos de grupo ou individuais que conhecemos (natação, atletismo, vôlei, futebol, beisebol, e etc.).

O conceito sintético que define o esporte para Guttmann (1978, p.16) como “competição física não utilitária” correlaciona-se como uma luva com a definição mais abrangente de Helal (1990, p.28): “qualquer competição que inclua uma medida importante de habilidade física e que esteja subordinada a uma organização mais ampla que escape ao controle¹⁶ daqueles que participam ativamente (sejam eles jogadores ou torcedores da ação). As categorias de brincadeira e jogo podem se misturar na

¹⁵ O modelo deve ser adaptado para agasalhar novos tipos de jogos: os games eletrônicos mudaram definitivamente as atividades intelectuais, a expansão do acesso a smartphones promoveu uma espécie de democratização ou universalização dos games, outrora disponíveis apenas para um corte de classe e, também, geracional da população (JUUL, 2009). Poderíamos enquadrar os videogames nas categorias de jogos eletrônicos competitivos ou não competitivos e, por sua vez, os e-sports como uma modalidade de competições virtuais (eletrônicas) ao lado das duas categorias anteriores.

¹⁶ Certamente “um toque” de outro clássico – Durkheim – e a exterioridade/coercitividade dos fenômenos sociais.

“realidade vivida” do esporte, como no caso do atleta que “brinca” através do drible e da finta com adversário ou dos jogos competitivos intelectuais que ficam na fronteira entre esporte e game no que tange a exteriorização dos controles da prática, caso, por exemplo, do carteadado, da bocha ou da sinuca que podem levar a competições organizadas ou não.

O modelo apresentado pelo diagrama tem uma função mais descritiva que processual, não leva em consideração o desenvolvimento histórico dos diferentes fenômenos lúdico/esportivos e, por conseguinte, não tem por finalidade dizer aquilo que é especificadamente moderno no esporte. Para alcançar as raízes da história, ambos os intérpretes procuram uma concepção de processo de racionalização que definiria ao longo do tempo certos fatores determinantes para a transformação dos esportes; se bem que cada um coloca uma ênfase distinta nas características que definiriam o esporte moderno daquele praticado em outros tempos, por exemplo, enquanto Helal se utiliza de duas categorias de análise: racionalização e secularização; Guttmann propõe um conjunto de sete conceitos tipológico-ideias que servem ao seu raciocínio histórico comparativo como critérios para avaliar o quão racional seria uma atividade esportiva. Começamos nosso percurso pelo hepteto do americano:

- a. **secularismo**¹⁷: no sentido de uma cisão entre os antigos vínculos das atividades esportivas com a religião institucionalizada. Isto não significa uma dependência estrutural “primitiva” para com os rituais e cultos religiosos, dado que este pecado original inviabilizaria a própria definição de esporte como atividade competitiva *não utilitária* (GUTTMANN, 1978, p.19) e acabaria servindo a afirmação de que só haveria esporte na modernidade desencantada. Portanto, sua definição de secular tem dupla função: 1) designar as diferenças do esporte secularizado – inclusive em sua dimensão reencantadora – para

¹⁷ Em sociologia da religião o termo **secularismo** carrega uma pecha bastante negativa, pois seria uma espécie de visão de mundo pós-religiosa (COX, 2015); enquanto a **secularização** seria, em um sentido mais lato, o processo de institucionalização de subsistemas sociais referenciados autonomamente e, em um sentido mais restrito, secularização significaria a tomada de bens religiosos por parte dos reinados absolutistas (PIERUCCI, 1998).

com o esporte antigo e, simultaneamente; 2) propor uma concepção de sagrado que convive com o esporte, vinculando-o a outras dimensões culturais, mas sem determinar diametralmente o seu resultado com alguma finalidade ritualista essencial.

- b. **igualdade:** enquanto oportunidade equivalente de competir em condições semelhantes. Portanto, todo aquele que quiser competir, independente do gênero, da sexualidade, da etnia, da classe social e de qualquer outra forma de estratificação e discriminação, pode concorrer seguindo as regras de organização de uma competição. Além disso, deve haver algum grau de igualdade nas condições de partida, portanto, o adversário não pode se valer de recursos – escusos ao permitido¹⁸ pela instituição que cuida de determinado desporto – para obter vantagem indevida e, portanto, anular o princípio de igualdade.
- c. **especialização:** as competições coletivas diversificam as funções dos atletas dentro do espaço de disputa, por exemplo, no futebol cada um dos 12 jogadores possui uma posição dentro do campo (goleiro, zagueiro, lateral, meio de campo, ataque) sendo que cada uma dessas posições requer a execução correta de um conjunto de estratégias e funções que dependem da organização tática e do movimento coletivamente harmonioso da equipe. Mesmo em esportes individuais, como é o caso da natação, cada um dos atletas possui uma especialidade de estilo (as técnicas de nado oficiais: peito, crawl, costas e borboleta), ainda que alguns, como Michael Phelps, pudessem alcançar a excelência em vários estilos.

¹⁸ Em esporte coletivos, as equipes mais endinheiradas conseguem os melhores atletas, lhes dão melhores condições de treino e recuperação médica e, por isso, esta igualdade é um princípio formal (relativo) em sua materialidade objetiva; outro caso é o de esportes automotivos, onde as diferentes montadoras se valem de um espaço de manobra para selecionar melhores motores, peças, mecânicos e motoristas, galgando, por isso, posições mais altas no quadro competitivo.



- d. racionalização:** o sentido de racionalização dado pelo autor é bastante limitado na sua acepção, trata-se do desenvolvimento de regras universais e específicas que permitam um percurso lógico consequente. Portanto requer a standardização de certos padrões, como no caso do alvo (target) que seria um parâmetro abstrato necessário a transformação da caça em um esporte moderno¹⁹. A ciência do esporte que está por de trás das análises de desempenho, da fisiologia esportiva, do scout e da avaliação tática, são também resultados da intelectualização racional dos esportes (GUTTMANN, 1978, p.44). Os padrões nas vestimentas, equipamentos, regras de pontuação e punição, até nas próprias dimensões oficiais do campo de jogo o da piscina olímpica, são exemplos desta padronização racional das atividades esportivas.
- e. burocracia:** essa dimensão burocrática atende pela organização institucional do esporte, com um quadro cada vez maior de administradores e profissionais envolvidos nas práticas competitivas. Não precisamos apenas atribuir o fenômeno da burocratização a entidades como a Confederação Brasileira de Futebol, a FIFA, ou o sindicato de uma determinada categoria esportiva, pois toda a cadeia de profissionais envolvidos em um clube de futebol deve ser considerada como resultado da “especialização” dos trabalhos administrativos necessários à organização do esporte.
- f. quantificação:** caracteriza a ânsia em contabilizar pontos, gols, tempo, faltas, desarmes, finalizações, tudo em estatísticas passíveis de mensuração e, por isso, racionalizadas no último

¹⁹ O alvo transforma o animal caçado em figura abstrata, isolando suas propriedades utilitárias já que o abate não se dá por interesse comercial ou necessidade alimentar. Um exemplo mais acomodado ao nosso contexto é o da pesca esportiva, os peixes são utilidades indeterminadas, classificados – a depender da competição – segundo seu peso, dificuldade de pesca, região (lago, rio ou alto mar). Além disso, os peixes não são mortos, mas soltos novamente em seu habitat, o que fortalece ainda mais a ideia de que a pesca é esportiva e não utilitária.



grau. A *calculabilidade* inerente ao processo de racionalização weberiano é retomada aqui através desta releitura “quantitativista” do esporte, instituindo um verdadeiro cálculo de não-utilidades que é o contrário – porém não o excludente – do cálculo econômico.

- g. recordes:** Os recordes são a epitome final da racionalização completa do esporte, a combinação perfeita entre o impulso para quantificar e o desejo da vitória (GUTTMANN, 1978, p.51), pois consagram como finalidade última a superação dos resultados (temporais, espaciais ou conceituais) alcançados em uma determinada modalidade esportiva. Portanto, “bate-se o recorde” não só daqueles que competem em um determinado momento histórico, em uma competição específica, mas de todas as gerações anteriores de atletas, de uma tradição inteira de competidores que obtiveram certo resultado no cronometro ou atingiram uma marca de tantas jardas de distância com um arremesso. O recorde é o ponto final em um longo processo de racionalização esportiva, o desenvolvimento lógico mais adequado ao esporte tomado enquanto esfera de ação racional com relação à fins.

Essas categorias possuem autonomia relativa para explicar as diferenças constitutivas do esporte moderno para com suas formas pregressas, mas também estão encadeadas entre si, por exemplo, quando as regras universais e a padronização tipificada através da categoria de **racionalização** são afirmadas exterior e coercitivamente por uma entidade, instituições e organizações **burocráticas** que controlam as práticas. O **recorde** certamente é uma derivação intensificada da mensuração já presente na **quantificação** e a **igualdade** – em sua dupla acepção – é resultado do processo de **secularização** do esporte, sem o qual não haveria igualdade formal necessária para uma competição livre.

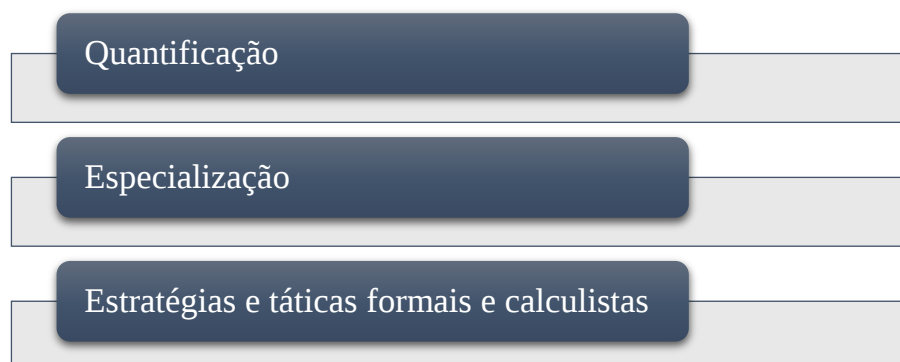
2.3 Secularização e Racionalização na obra de Ronaldo Helal

Podemos, agora, conectar o conjunto de conceituações acima apresentado ao modelo proposto em *O que é a Sociologia do Esporte* (1990). Para tanto, observemos a definição dada no livro para a singularidade do esporte moderno:

A sociologia verifica uma racionalização progressiva da sociedade industrial que se caracteriza por um processo pelo qual a razão e o cálculo comandam cada vez mais a marcha global desta sociedade. E isto, por sua vez, leva a um processo de secularização, onde o raciocínio técnico científico passa a predominar sobre o raciocínio místico, tradicional ou religioso. Ou seja, com o crescente progresso da ciência e da técnica, o homem vai deixando de acreditar em poderes mágicos, perdendo, assim, o sentido profético e, sobretudo, o do sagrado. Suspeita-se que o desenvolvimento desta “idade da razão”, com as suas constantes descobertas científicas e inovação tecnológicas, ao mesmo tempo que possibilita dominar o meio físico e social com precisão matemática, possa retirar da humanidade elementos essenciais à sua integração harmoniosa com os outros homens e a natureza (HELAL, 1990 ,p.45).

O nosso autor destaca os critérios de **racionalização e secularização** como principais elementos que fundamentam a organização do esporte moderno, em uma concepção de racionalização mais ampla e processual que, por isso mesmo, incorpora a secularização como uma de suas partes constitutivas. Se sabemos hoje que a racionalização do mundo em Max Weber é um processo de longa duração que compreende tanto a **desmagificação ética** das imagens de mundo e suas causalidades compensatórias quanto a **dessacralização científico-técnica** de todas as explicações e valorações ético-práticas de matiz religiosa (PIERUCCI, 2005), então podemos afirmar que esta concepção de racionalização está mais próxima da original do que aquela declaradamente weberiana (GUTTMANN, 1978, p.80). A racionalização em Helal abarca alguns critérios que listaremos a seguir:

Figura 1: Tipologia da Racionalização de Helal



Fonte 1: Elaboração Própria

Destes três fatores a quantificação é a que mais preserva as mesmas características da tipologia de Guttman, pois se refere também à transformação de todos os feitos dos atletas em atributos que podem ser convertidos em números, mensurados, avaliados e orientados para estatísticas de desempenho de um jogador, uma equipe e até de um torneio. O impulso a quantificação desemboca no conceito de recorde – encaixotando, tal qual uma boneca russa, os critérios de Guttman – que pode ser definido como “uma presença psicológica viva na mente dos competidores” (HELAL, 1990, p.48).

O segundo fator também é um “velho” conhecido de nossas leituras pregressas, trata-se da especialização de papéis exercidos dentro de cada uma das atividades esportivas. O limitado conceito de racionalização ali exposto como uma característica vinculada a formação de regras e padrões agora faz parte desse movimento de especialização cujo resultado final acontece quando a ciência amplia as fronteiras do desempenho humano, em seus aspectos psicológicos, bioquímicos, técnicos e táticos. Mais um ponto interessante, o VAR²⁰ e todos os outros modelos de intervenção externa – a bola com sensor, os rádios comunicadores distribuídos a equipe de arbitragem, para ficar só no futebol – são colocados neste balaio de especialização que contém aspectos materiais, tecnológicos e ideais.

O terceiro critério é o que tem menos ressonância com a tipologia do autor estadunidense, pois fala especificadamente do desenvolvimento de estratégias e táticas

²⁰ O famigerado VAR (Video Assitant Referee) desperta um alvoroço de opiniões sempre categóricas quanto a sua efetividade real e os lances de interpretação que “são vendidos” como resultados técnicos.

formais, hábitos, repetições, um conjunto de estruturas simbólico-cognitivas que “ensinam” os atletas a desenvolverem um raciocínio adequado aquela prática esportiva; por exemplo, o movimento corporal de um centroavante pode indicar ao portador da bola qual jogada este atleta está esperando, quer seja um lançamento em profundidade, um passe curto, uma tabela ou um cruzamento, coisa que o olhar treinado percebe em uma fração de segundos.

Neste último fator o autor insere um problemática tipicamente nacional, inscrita desde os tempos do ensaísmo de Gilberto Freyre (1938) e Mário Filho (2010), isto é, as tensões entre estilos de jogo distintos, entre o futebol-força dos europeus e a *dansa dionisiaca* dos nossos jogadores, representantes de um futebol-arte que tornou-se um dos principais elementos de nossa identidade nacional (SOUZA, 2008). Neste excerto, o autor também marca posição diante da polêmica que contrapõe razão e emoção na prática do futebol afirmando o seguinte:

A racionalização não implica, necessariamente, fim da criatividade. É claro que a obsessão pela quantificação, a especialização de papéis, e a rigidez de certos esquemas táticos tendem a reduzir o nível do prazer tanto dos atletas como dos torcedores. Estes últimos, frequentemente, mostram todo o seu descontentamento simplesmente se retirando dos estádios. Porém a aliança da racionalização com a criatividade e a improvisação tem se mostrado possível em alguns segmentos do esporte moderno (HELAL, 1990, p.57).

O autor acredita neste matrimônio entre a razão apolínea e a sensibilidade típica do *trickster* brasileiro e que haveria espaço para Pelé e Garrincha reinarem juntos no mesmo relvado. Mais do que uma virtude conquistada, esta característica observada seria uma especificidade do futebol que oferece uma liberdade de ação maior para os atletas, estes podem performar em uma intensidade focada coletivamente, reunindo movimentos racionalmente corretos com os improvisos qualitativamente necessários no terço final²¹ do campo.

Se tratamos até agora da concepção de racionalização, faz-se mister explorar a sinuosa elaboração do processo de sacralização do esporte secular em sua origem,

²¹ Em uma entrevista bastante elucidativa, Thierry Henry explicou como a racionalidade “total” do método de Pep Guardiola objetivava levar os craques do Barcelona ao terço final do gramado para que o brilho individual de cada um dos gênios pudesse ser aproveitado da maneira mais eficiente. Ou seja, mesmo na concepção de jogo do treinador considerado mais “racionalista” entre os seus, vigora um espaço de liberdade plena, um entendimento de que, próximos da área, os craques poderão dar vazão ao seu talento individual, a sua criatividade artística (HENRY, 2020).

atentando para a paradoxal constatação de que: *quão mais profissional, intelectual, e racional fica o jogo, mas intensifica-se, também, seu caráter extracotidiano, seu poder de levar multidões ao êxtase, seu aspecto eminentemente redentor*. Para tal empreitada urge observar o quadro de fases de intensificação da secularização:

Período ²²	Direção	Característica
1895-1920	O Futebol Amador dos Clubes de Elite.	Invenção do esporte, desenvolvimento e consolidação da prática amadora do futebol em clubes de elite e, só depois, em associações comerciais e outros agrupamentos sociais menos exclusivistas.
1920-1970	O Futebol das Massas	Consolidação do futebol como esporte de massas, profissionalização dos atletas, organização dos clubes e das instituições promotoras dos eventos (CBD, CBF, FPF, FIFA, COMEBOL) e consolidação do estádio como espaço apartado da sociedade no qual o jogo se desenrolava. Profusão de experiências simbólicas e rituais das torcidas, ênfase no papel mitológico das vitórias e dos atletas que são concebidos como heróis de verdadeiras epopeias.
1970 até agora	O Futebol como parte de um campo esportivo	A lógica de desenvolvimento e profissionalização do esporte somada aos desenvolvimentos técnicos e tecnológicos produzem uma situação de desencanto em que jogadores não ficam muito tempo nos clubes e, muitas vezes, atuam em vários rivais; a conduta dos atletas passa a ser menos provocativa e mais austera; a ênfase no desempenho e nas vitórias substitui a beleza estética e o ideal de <i>estilo de jogo</i> brasileiro; a revisão tecnológica do lance impede a efusão dos “espíritos animais” na comemoração do gol e deixa, desta forma, a torcida apreensiva até a decisão final da arbitragem.

Tabela 1: Retirada e adaptada de (PEDRON, 2022).

²² A periodização aqui apresentada foi elaborada para acompanhar o modelo de Helal (1990) e não tem qualquer pretensão determinista na atribuição dos períodos de secularização ou sacralização do esporte, inclusive, sabemos que estes “momentos” podem ser questionados à partir de uma crítica das fontes ou até a visão de mundo – pessimistas ou otimistas – que certo ponto de vista do observador acaba por privilegiar (LOVISOLO, 2001). Desta feita, que se trate esta periodização como um artifício abstrato e arbitrário e não como definição precisa e unívoca, isto é, podemos e devemos criticar as periodizações sempre que se prestarem a algo mais do que uma aproximação comparativa e/ou levarem a equívocos em suas interpretações, como no caso da boa crítica de Antônio Jorge Soares (2001) a periodização de Maurício Murad (1994).

A tabela sistematiza a leitura de Ronaldo Helal que observa três períodos no *pêndulo entre sacralização e secularização* do nobre esporte bretão. Em um primeiro momento, a atividade é desempenhada de forma amadora, nos relvados de clubes outrora usados para esportes como críquete e, no caso das classes menos abastadas, em campos usados anteriormente para lavar ou secar as roupas – como no caso do “campo do sabão” que foi o gramado usado pelos estudantes e bacharéis do Carioca Futebol Clube (MÁRIO FILHO, 2010, p.52). Conforme o futebol se institucionalizava no mundo da vida brasileiro, ganhando a primazia do tempo ocioso de tantos e tantos espectadores convertidos em fieis torcedores clubistas, mais a sua vocação transcendental ou sublimadora tornava-se patente como veículo de sensações muito específicas experimentadas numa forma de redenção da tibieza do sistema social.

A popularização do futebol como um esporte de massas levou a juventude inteira a conhecer este novo jogo, as bolas de capotão, de meia, e “oficiais”, se somavam a todo tipo de recurso usado para emular as traves, para que se pudesse praticar o jogo em qualquer rincão, seja nos gramados ensaboados da burguesia carioca, nos clubes da elite inglesa, portuguesa e italiana, ou até mesmo nos terrões onde se arrancava o toco de arbusto e canelas. Assistir ao jogo, torcer, usar a tal fitinha colorida importada da Inglaterra, todos esses atos simbólicos já preparavam este jogo para se tornar um esporte que moveria multidões nas décadas seguintes a difusão original feita por Charles Miller.

Estádios foram construídos para apartar a vida comum daquele momento de êxtase coletivo (DAMATTA, 1982), a temporalidade cotidiana suspensa nos finais de semana pelos jogos, a profissionalização dos atletas que permitiu a dedicação exclusiva ao labor artístico, a evolução da indumentária, com uniformes, chuteiras e bolas mais adequados a prática do esporte, enfim, uma série de desenvolvimentos individuais que fizeram desta ocupação uma verdadeira febre nos trópicos. É neste cenário de modernização que o futebol se sacraliza, a figura do atleta que já possuía nos primeiros anos o poder de encantar *carismaticamente* a plebe, é potencializada quando os jogos passam a serem transmitidos para uma multidão de ouvintes e, depois, telespectadores. O futebol serve, inclusive, para redimir uma nação acossada com suas dúvidas em referência à sua própria identidade, mesmo porque consegue a façanha de unir

povoamentos apartados por léguas e léguas de distância ao menor sinal sonoro, ao grito de gol que vibrava uníssono em todas as rádios do país.

Mas o mesmo processo de racionalização que permitiu o desenvolvimento do jogo e sua burocratização em clubes e instituições administrativas, em regras, táticas e técnicas cada vez mais apuradas, também promove a mercantilização irrestrita do esporte da massa, não só com os ingressos ou o manto sagrado que os torcedores verdadeiros fazem questão de trajar, mas uma série de publicidades que tingem as camisas de cores diferentes daquelas originais, que inundam os campos com placas e que recortam o tempo sagrado da transmissão com propagandas anunciadas durante o próprio jogo²³. Não bastasse isso, a ênfase no desempenho, a quantidade obsessiva de jogos no calendário, a ausência de vínculo dos atletas com o clube, tudo isso contribui para que o futebol nos tempos do capitalismo tardio não sirva para encantar a existência como antes.

Portanto, um movimento pendular leva do secular para o sagrado e deste, novamente, para o secular. Este é o sentido da analogia que o autor faz entre o conceito de secularização – tão atribuído a Max Weber – e a concepção sagrada que é destinada ao futebol. Terminamos assim nossa apreensão dos dois modelos teóricos referenciados na interpretação weberiana, nas próximas páginas traremos mais alguns tópicos interessantes da obra de Max Weber que podem ser usados para ampliar o escopo de contribuições que estes autores e outros ofereceram na tentativa de compreender o esporte moderno.

3. Por uma Nova Sociologia do Esporte Weberiana

Nas páginas anteriores apresentei duas interessantes interpretações sociológicas do fenômeno esportivo, ambas poderiam ser colocadas em uma posição contrária à do *iluminismo crítico* (LOVISOLO, 2002, p.2), isto é, a tendência de arvorar-se em uma superioridade epistemológica ou até ontológica para criticar a alienação popular que o

²³ A transmissão televisiva quase sempre deixa para o intervalo e os momentos anteriores e posteriores aos jogos a divulgação maciça, embora já tenha visto algumas publicidades serem feitas enquanto a bola rolava. Mas no rádio as vezes o corte publicitário atinge o próprio êxtase de uma jogada, sendo o narrador obrigado a cortar a progressão da narrativa para anunciar um novo tônico, remédio ou serviço oferecido.

futebol eventualmente poderia causar ou, ainda, a ideia de que sua natureza idílica havia de ser destruída pelo cancro das relações mercantis.

Longe de uma inocência isolacionista que imagina o esporte apartado das outras realidades sociais, o que quero destacar quando afirmo a autonomia relativa do esporte em relação aos outros subsistemas sociais é exatamente as condições sociais através das quais é possível praticar o futebol e, mais propriamente, os vínculos dessa prática com uma série de problemáticas, como: a lógica interna do jogo com sua dominação simbólica particular e as intersecções com a política (nação e identidade); com a economia (relações de trabalho, mercantilização do esporte comoditização do atleta); com a arte (estilo de jogo, beleza) e até mesmo com o amor, no erotismo presente naquelas relações de afeto e emoções que o futebol desperta em cada um dos seus fiéis torcedores.

Partiremos agora para a observação de uma instigante analogia com pensamento weberiano que pode ser usada para interpretar o esporte, trata-se da ideia de *esfera de valor* (WEBER, 2016) projetada sobre dois pontos de contato específicos: a) a ideia de que seria a ciência o fator determinante para a emergência do esporte moderno (GUTTMANN, 1978) e b) na *tese do pêndulo entre sacralização e secularização* de Helal (1990). Destacaremos as características esportivas que poderiam configurar um campo²⁴ ou subcampo autônomo de produção social, comparando o esporte com a esfera de valor estética, intelectual e a erótica.

²⁴ Aqui me inspiro na leitura de Denaldo Alchorne de Souza (2008) sobre as intersecções do campo esportivo para com o campo político, principalmente no período de institucionalização do futebol como atividade profissional no Brasil. Diferente do autor citado, destacarei dois subsistemas mais abertos a dimensão emocional, portanto, desvinculados parcialmente das estruturas de poder (econômico e político) constituídas e, por último, a esfera mais racional dentre todas aquelas que se desprenderam do dossel sagrado.

3.1 Intersecções entre as esferas de valor e o campo esportivo

A emergência do esporte moderno não representa nem o triunfo do capitalismo e, muito menos, a ascensão do protestantismo, mas sim o lento desenvolvimento de uma empírica, experimental e matemática *Weltanschauung*. A liderança inicial da Inglaterra tem menos a ver com a Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo do que com a Revolução Intelectual simbolizada pelos nomes de Isaac Newtons e John Locke e institucionalizada na Royal Society, fundada durante a Restauração, em 1662, para o avanço da Ciência. (GUTTMANN, 1978, p.85).

Neste excerto podemos perceber que a apropriação crítica do espólio weberiano empreendida por Guttmann dá margem para uma interpretação bastante interessante da constituição de uma “esfera” de valor ou campo esportivo: seria o desenvolvimento científico – e não o protestantismo (ou o capitalismo) – o principal condutor do esporte de sua pré-história até os tempos atuais, ou seja, *a secularização científico-técnica do mundo permitiu, através dos seus trilhos cognitivos, que a dinâmica dos interesses materiais e ideias presentes nos jogos pudessem cristalizar-se em direção ao que chamamos hoje de esporte moderno*.

Há, portanto, uma afinidade eletiva entre a formação do esporte moderno e o desenvolvimento de uma ciência autônoma, a constituição de uma **esfera intelectual** pode ser entendida como condição adequada para o desenvolvimento das regras, padrões, especializações, quantificações e outras tantas derivações típicas da racionalidade ocidental. Mais do que apenas inflexão formalista, podemos observar na própria constituição de um estilo de jogo, de uma educação do sentidos para jogar, de uma composição coletiva que performa um ato único ou até mesmo na produção de narrativas que encantam leitores de livros, jornais e de jogos, um processo de desenvolvimento contínuo e autorreferenciado de “esportificação” da vida moderna.

Em Max Weber a esfera intelectual estaria para a religião assim como o estilo do futebol-arte estaria para o estilo do futebol-força, grandezas que podem até se complementar, mas que tendem a intensificar suas tensões quando contrapostas em uma luta entre razão e sentimento. Não é à toa que a esfera intelectual seja a última apresentada por Weber “Teoria das Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções”,

subtítulo explicativo da famosa *Consideração Intermediária*²⁵ que é o ensaio no qual o alemão elabora a sua teoria da *colisão dos valores*, uma construção conceitual que explica o mundo “secularizado” como resultado imprevisto do processo de racionalização perpetrado, primeiramente, pelas *religiões éticas de salvação individual* e cujo desenlace passa exatamente por esta esfera de valor da ciência moderna. Uma passagem ilustrativa a este respeito aparece exatamente no tópico destinando a esta esfera, vamos a ele:

Mas ali onde o conhecimento racional empírico realizou de modo consequente o desencantamento do mundo e sua transformação num mecanismo causal apareceu de uma vez por todas a tensão contra as pretensões do postulado ético de que o mundo seja um cosmos ordenado por deus e, portanto, orientado eticamente de modo *pleno de sentido*. Pois a observação empírica do mundo e, ainda mais, a que se orienta pela matemática, desenvolvem por princípio a rejeição a todo modo de consideração que em geral pergunte por um “sentido” para o acontecer intramundano. Com isso, a cada avanço do racionalismo da ciência empírica a religião vai sendo crescentemente desalojada do reino racional para o irracional, e ela então passa a ser tão simplesmente: o poder supra pessoal irracional (ou antirracional). (WEBER, 2016, p.395-396).

Nesta icônica passagem Weber elabora uma síntese do *desencantamento do mundo* em seus dois lados, dimensionando o papel do racionalismo científico²⁶ na defenestração da religião de sua antiga função de *cimentadora dos laços sociais*, um

²⁵ A Consideração Intermediária tem esse nome porque serve de interlúdio teórico entre duas partes da Ética Econômica das Religiões Mundiais (EERM), que é uma espécie de compêndio de estudos empírico-históricos de Max Weber cuja finalidade está posta na comparação das diferenças culturais (materiais e mentais) das Religiões Mundiais (Confucionismo, Taoísmo, Budismo, Hinduísmo e Cristianismo) com o intuito de apreender a especificidade do racionalismo ocidental em comparação com as outras formas de racionalização religiosa do mundo. O texto “separa” o estudo sobre o *Confucionismo e Taoísmo* daquele destinado ao *Hinduísmo e o Budismo*, oferecendo ao leitor uma formulação teórica que lhe auxilie no entendimento das categorias cognitivas que estavam sendo operacionalizadas nos dois textos acima elencados. Portanto, é uma teoria que pretende apontar, apenas com exemplos ocidentais, para algumas respostas dadas pelas éticas religiosas que rejeitam o mundo – há também aquelas que o aceitam – aos diferentes conflitos com esses subsistemas sociais que, conforme a sociedade se complexifica, vão se tornando independentes, autônomos e autorreferentes e, por isso, entram em tensão irremediável com a instância que outrora intercedia entre estas diferentes áreas.

²⁶ Não haverá espaço aqui para uma discussão sobre o conceito de racionalização, quer seja em sua elaboração heurística, tipológica ideal, ou em sua formulação como processo empírico histórico. Não trabalharemos com as quatro categorias sincrônicas ou diacrônicas de racionalidade (formal e material/teórica e prática) e passaremos ao largo da concepção mais tópica de racionalismo, que se vincula diretamente a determinadas formações históricas, por exemplo, racionalismo de dominação do mundo (ocidental) e etc. Um dos melhores trabalhos sobre o assunto é o do exegeta brasileiro Carlos Eduardo Sell em seu *Max Weber e a racionalização da vida* (2013).

eixo do qual desprendia o véu religioso que recobria a sociedade tal qual um dossel sagrado (BERGER, 1985). Além disso, ele aponta para um dos principais limites que a visão científica impõe sobre o mundo, pois suas explicações sempre provisórias e refutáveis não podem oferecer nenhuma visão de conjunto sobre o cosmo, nenhum *sentido pleno* pode ser coligido das diferentes interpretações científicas; quer sejam empírico-históricas, observacionais ou lógico-formais.

A perda do sentido (*sinverlust*) é um efeito colateral do desencantamento do mundo, pois originalmente é a ascese intramundana a portadora desse sentido unitário e coerente que nas religiosidades mágicas não haveria diante do caótico fluxo de sentidos divergentes que habitavam o mundo enquanto um *jardim encantado*. Quando a ciência aplica o método experimental ou empírico-observacional ao mundo ela deslegitima todo e qualquer sentido metalinguístico, por exemplo, quando a medicina explica a origem de uma doença, esta explicação “escapa” – pelo menos idealmente – de qualquer tipo de atribuição de culpa moral ou de expiação de algum pecado que eventualmente poderia ser atribuída ao enfermo.

Desta feita, no mundo secularizado apenas algumas circunscrições sociais valorativas ainda possuiriam uma conexão qualquer com esse sentimento de todo unitário, de uma natureza primitiva formada ao longo de tantos milênios e perdida exatamente no momento que sucedeu o apogeu da atribuição de um sentido único, normativo e generalizado. Seriam três as esferas de valor irracionais, contrapostas aquelas que preconizavam os ditames da razão desencantada, e que porventura seriam canais de experimentação deste sublime gozo dos sentidos, são elas: a esfera religiosa²⁷; a esfera estética e a esfera erótica. Aqui nos concentraremos nas duas últimas, começando pela estética:

²⁷ No subtópico da esfera intelectual conseguimos perceber que a religião tornou-se mais uma dentre tantas outras ordens de atribuíam de valor a vida dos homens, não seria mais a última palavra como na idade média, onde a igreja determinava o que era lícito ou não em outras esferas (usura, por exemplo). O texto todo das Rejeições Religiosas do Mundo pretende desvendar os pontos de tensão entre esta ética da fraternidade, o tipo ideal formulado a partir da cisão entre comunidade voluntária religiosa e comunidade de sangue originária, e as outras esferas seculares.

A sublimação da ética religiosa e da busca de salvação, de um lado, e, de outro, o desenvolvimento da legalidade própria da arte tendem a instalar entre si uma relação de tensão crescente, pois toda religiosidade de salvação, uma vez sublimada, visa unicamente ao sentido, não à forma das coisas e das ações relevantes para a salvação. A seu ver, a forma se desvaloriza como algo supérfluo, algo próprio da criatura, algo que nos distrai do sentido. Bem verdade que do lado da arte a cândida relação com a religião pode permanecer intacta o se renovar sempre de novo, mas somente pelo tempo em que, e toda vez que, o interesse consciente do degustador se prenda ingenuamente ao conteúdo daquilo a que se deu forma, e não à forma puramente enquanto tal, e até quando a façanha do artista for sentida como um carisma (originalmente: mágico) de “capacidade”, ou como um livre jogo. No meio-tempo, o desenvolvimento do intelectualismo e a racionalização da vida modificam essa situação. A partir de então a arte passa a se constituir num cosmo de valores próprios (*Eigenwerte*) autônomos, apreendidos de modo cada vez mais consciente. Ela assume, seja lá como isso for interpretado, a função de uma redenção intramundana, que liberta do cotidiano e, também, sobretudo, da pressão crescente do racionalismo teórico e prático (WEBER, 2016, p.384-385).

A esfera estética permitiria uma espécie de redenção intramundana, um “livramento” das frias mãos esqueléticas da razão instrumental, do cálculo e da explicação científica tanto quando das determinações religiosas e dos tabus típicos da esfera doméstica. Através da arte seria possível reencantar a experiência por meio de um estímulo ao gozo da forma, algo que intimidaria e incomodaria a ética da fraternidade religiosa, pois para ela apenas o sentido e, portanto, o conteúdo de uma obra de arte é que importaria na atribuição de valor religioso a mesma. A arte concorre também com o modo mais irracional de comportamento religioso, o misticismo, que procura explodir todas as formas para “conectar” o indivíduo ao uno, torná-lo vaso depositário de uma força superior e desvalorizar a forma em defesa do conteúdo que a preenche.

Então, poderíamos afirmar que a epifania (GUMBRECHT, 2007) experimentada pelos torcedores durante uma atividade esportiva de massas haveria de ter uma espécie de parentesco com o gozo estético, com essa sensação muito específica de redenção, só que de um modo muito mais coletivo do que a experiência estética parece ensejar. O êxtase experimentado por torcedores quando comemoram um gol próximos dos atletas no alambrado ou mesmo a alegria de se observar uma bela construção de jogada permite, inclusive, que se suspendam por alguns momentos as maiores rivalidade. Recordo-me de um clássico entre Real Madrid e Barcelona, lá pelos idos de 2005 ou

2006, quando Ronaldinho Gaúcho – o bruxo – fez o Santiago Bernabéu aplaudir em uníssono a sua exibição em um momento de apoteose no qual a gratidão de todos os presentes superou qualquer antagonismo entre torcedores rivais.

Mas essa salvação intramundana também é experimentada pelos atletas quando absortos em uma *intensidade focada* alcançam por alguns minutos feitos inimagináveis, naquele momento conectam-se os corações e os olhos de milhões de torcedores que acompanham cada um dos movimentos, tão em câmera-lenta quanto o próprio atleta, suspendendo por alguns segundos a dimensão temporal e vivenciando quase que em um sentido existencial no momento ali consubstanciado. Uma espécie de comunhão experimentada como unificação completa (WEBER, 2016, p.391) semelhante àquela que une os amantes atravessa as personalidades e pode conceder um momento de reconciliação digna dos cultos orgiásticos que originalmente eram celebrados nas comunidades tradicionais. Não é à toa que muitas vezes os cronistas esportivos, jornalistas e mesmo torcedores atribuem conotações tipicamente eróticas para tratar do futebol, como no exemplo abaixo:

Os que amavam o esporte mais popular do mundo saudaram a vitória do Brasil contra a Rússia como a salvação do futebol-arte. Que laboratório poderia produzir um Didi, um Garrincha, um Pelé? Ou um Nilton Santos, um Zito, um Zagalo? Aqueles artistas nasciam nos campos livres, nas peladas, pelo amor à bola, ao futebol. Chamavam a bola de “menina”. Tratavam-na com o carinho de namorada. Era a primeira namorada. O amor de infância que se prolongava, cada vez mais intenso, pela vida afora [...] Só a posse de bola, plena, total, de quase ato sexual, o conhecimento no sentido bíblico, da bola, a menina, a namorada, a noiva, a mulher, é que poderia ter feito Pelé encontrar o caminho do gol o País de Gales (MARIO FILHO, 2010, p.325).

Destarte, poderíamos considerar o esporte como um desses espaços seculares onde as tentações demasiadamente humanas encontram novos suportes para canalização desta emoção compartilhada. Um subcampo ou esfera nascido entre quantificações e especialização, mas também, entre valores e afetos muito distantes de um mundo recheado de especialistas sem espírito e sensualistas sem coração (WEBER, 2021), estas nulidades nunca entenderão o tamanho simbólico que a figura de um Rei poderia alcançar para a integração e consolidação da identidade nacional (RODRIGUES, 1982), ou, ainda, o papel que este esporte adquiriria como alegoria dos destinos individuais de

tantos brasileiros que projetavam suas angústias, frustrações, desejos e sonhos naquele supremo momento de euforia generalizada que antecipa a vitória do “seu” escrete.

4. Conclusão

Qualquer profissão há de ter um sentido ético que a justifique e valorize. O futebol profissional exige dinheiro, mas não só dinheiro. Ele implica algo mais, ou seja: implica os tais valores gratuitos que conferem a um jogo, a uma pelada uma dimensão especialíssima. Um match representa algo mais que pontapés. Participam da luta dois clubes e todos os seus bens morais, afetivos, líricos, históricos (RODRIGUES, 2013, ps.264).

Terminamos o nosso percurso com mais um ilustrado nome da família Rodrigues, certamente o esporte possui valores gratuitos, não-utilitários e impossíveis de se reduzir ao cálculo monetário – o tipo de avaliação e mensuração do valor mais racional segundo o próprio Weber. O esporte é um campo, esfera, sistema ou mesmo circunscrição social valorativa, é autônomo, autorreferente, com uma lógica interna própria e, portanto, vincula-se às ordens do mundo como a economia, a política, a estética e a erótica de um modo singular.

Este tipo sofisticado de interpretação, hibridização e contaminação que os usos de uma determinada teoria permitem é o que mais me parece interessante na forma como são concebidas estas analogias weberianas da sociologia do esporte, por exemplo, no uso que Guttmann (1978) faz da tipologia ideal para configurar o longo processo histórico que vai do *ritual ao recorde* ou a visão de *secularização* proposta por Helal (1990) que apresenta essa dupla face (racional/irracional) do esporte moderno.

Neste trabalho procurei ampliar as discussões sobre o esporte possíveis de se serem feitas sob o escrutínio de uma visão weberiana, levando em conta, obviamente, os limites e recortes que uma analogia precisa fazer, mas, também, apontando para as qualidades que me parecem bastante significativas no uso de conceitos como racionalização, desencantamento do mundo, secularização e tantos outros termos presentes no vocabulário de todo bom weberiano. Creio que um desenvolvimento mais elaborado dos conceitos de racionalização, racionalidade, racionalismo e ação racional

possam aumentar as possibilidades de contraste, combinação e correlação entre este universo teórico e o *mundo da vida* esportivo.

Pretendo explorar ainda algumas outras analogias possíveis, como, por exemplo, no conceito de *condução da vida* (COLLIOT-THÉLÈNE, 2016) e no seu uso para pensarmos a constituição de um *ethos* profissional para os jogadores de futebol, algo que foi explorado ainda nos idos da década de oitenta por Ricardo Benzaquen de Araújo (2018). Um estudo comparativo das análises weberianas de esportes nacionais americanos – futebol americano e beisebol – com o brasileiro também seria interessante para identificarmos os ritos, identidades e visões de mundos oferecidas por estas atividades, desmistificando, com isso, algumas representações estereotipadas que são feitas para definir as distinções entre *os bandeirantes e os pioneiros*²⁸ destes dois universos simbólicos divergentes.

Referências Bibliográficas

AMSTEL, Narayana Astra van. MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Possíveis Contribuições de Max Weber para uma Sociologia do Esporte. [Dossiê Max Weber 100 anos depois].v. 18, n. 01, **Em Tese** (Florianópolis). p. 505-522, jan./jun., 2021. Doi: <https://doi.org/10.5007/1806-5023.2021.e74327>.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen de. “Gênios da Pelota” (Parte I). **Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social** (BVPS). 2018. Disponível em:< <https://blogbvps.wordpress.com/2018/07/04/genios-da-pelota-por-ricardo-benzaquen-parte-i/>> Acesso em 15/07/2022.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Coautoria de Luiz Roberto Benedetti. São Paulo, SP: Edições Paulinas, c1985.
CHACON, Vamireh. Max Weber: a crise da ciência e da política. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1988.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. As “condutas de vida” e as “potências” sociais. in: COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. **A Sociologia de Max Weber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

COX, Harvey. **A Cidade Secular**: secularização e urbanização na perspectiva teológica. São Caetano do Sul: Academia Cristã, 2015.

²⁸ Refiro-me, aqui, ao instigante livro de Clodomir Vianna Moog (2000) onde se compara as representações e mitos de identidade coletiva elaborados aqui por estas bandas e lá na “América”. O autor tem a virtude de colocar em suspensão esses mitos e criticá-los de um modo bastante singular, entendendo-os, como tipo ideias weberianos, em uma interpretação bastante pessoal desta formação conceitual.

DA MATA, Sérgio. **A Fascinação Weberiana**: as origens da obra de Max Weber. 2ed. Rio Grande do Sul: EdiPUCRS, 2020. Ebook.

DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Coautoria de Christian Laval. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938, p. 4.

GIGLIO, Sérgio Settani. SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 293-350, jul./dez. 2010. Disponível em:<

<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19180>> Acesso em 06/07/2022.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record**: the nature of modern sport. Columbia University Press. 1978.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1990.

HENRY, Thierry. Play, Possession, Position - Pep Guardiola's tactics explained by Thierry Henry. **Sky Sports Retro/Youtube**. 2020. Disponível em:<

<https://www.youtube.com/watch?v=YRk3wVJp8gI>> Acesso em 23/09/2022.

INGHAN, Allan. **The Sportification Process**: A Biographical Analysis Framed by the Work of Marx, Weber, Durkheim and Freud. SPORT and modern social theorists. New York, NY: Palgrave Macmillan, 2004.

JASPERS, Karl. **Método e Visão de Mundo em Max Weber**. In: SOCIOLOGIA: para ler os clássicos. 2 ed. Organização de Gabriel Cohn. Rio de Janeiro, RJ: Azougue, 2009.

JULL, Jesper. **A Casual Revolution**: Reinventing Video Games and Their Players. MIT Press, 2009.

LOVISOLO, Hugo. **Sociologia do Esporte**: viradas argumentativas. XXVI Encontro Anual da Anpocs. 2002.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia. In: HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge. LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MARIO FILHO. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2010.

MOOG, Vianna. **Bandeirantes e pioneiros**: paralelo entre duas culturas. 19. ed. Rio de Janeiro, RJ: Graphia, 2000.

MURAD, Maurício. “Corpo, Magia e Futebol - o negro no futebol brasileiro: por uma interpretação sociológica do corpo como representação social”. **Pesquisa de**

Campo/Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ. Rio de Janeiro, n.0, p.71-78, 1994.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **Secularização em Max Weber:** da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 13, n.37, p. 43-73, 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **Ciladas da diferença.** São Paulo, SP: USP-Curso de Pos-Graduação em Sociologia: Editora 34, 1999.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. **O desencantamento do mundo:** todos os passos do conceito em Max Weber. 2. ed. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2005.

PEDRON, Caio César. O problema do sofrimento imerecido ou por que Marinho não culpou Deus na hora da derrota? **Ludopédio**, São Paulo, v. 143, n. 23, 2021.

PEDRON, Caio César. Considerações sobre a tese da secularização do esporte. **Ludopédio**, São Paulo, v. 152, n. 3, 2022.

RODRIGUES, José Carlos. O Rei e o Rito. **Revista Comum**. Jan/Mar, 1982.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria de chuteiras.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2013. Ebook.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **Acción, orden y Cultura:** Estudios para un programa de investigación en conexión con Max Weber. Buenos Aires (ARG): Prometeo Libros, 2008.

SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a Racionalização da Vida.** Petrópolis: Vozes, 2013.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro.

HELAL, Ronaldo. SOARES, Antonio Jorge. LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do País do Futebol:** mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entre em campo:** construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Anablume, 2008.

SOUZA, Jessé. Max Weber e a ideologia do atraso brasileiro publicado. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, 1998.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira:** ou como o país se deixa manipular pela elite. São Paulo, SP: LeYa, 2015.